

## **Negócios – pensando grande!**

### **Como ser mais eficiente na missão empresarial**

Jo Plummer

<http://conversation.lausanne.org/en/resources/detail/12304>

Missão Empresarial é uma estratégia muito boa em muitas circunstâncias, com incontáveis modelos e aplicações. Todavia, creio que estamos perdendo algo quando pensamos nos negócios apenas como uma estratégia. Temos de pensar maior.

O que Deus diz sobre a atividade empresarial? Quais eram suas intenções quando fez do empreendedorismo parte do seu plano para a sociedade humana? Vejo que saber a resposta a essa pergunta é a chave para liberar o poder empresarial para o reino de Deus; o poder empresarial para levar as bênçãos de Deus às pessoas e lhes dar a oportunidade de sair da pobreza espiritual, social e física.

Portanto, antes de olharmos para uma estratégia específica, temos de estudar e assimilar toda a intenção de Deus com a atividade empresarial. Temos de festejar suas intenções! Quando conseguirmos compreendê-las, creio que teremos de dizer “uau”! Deus é o Criador, e nos deu a capacidade de ser criativos, de agregar valor, de ganhar dinheiro, de gerar riquezas e inventar inovações que gerem meios de vida, que ajudem uma comunidade a se desenvolver, que nos ajudem a viver em paz, que fechem as portas à exploração, que deem sentido à vida e transformem os valores das pessoas. Tudo isso Deus nos dá com o empreendedorismo!

A atividade empresarial existe para habilitar a humanidade para prover para si e para cuidar da criação. Ela nos capacita a melhorar nosso padrão de vida, cuidar dos desamparados e viver em paz em nossas comunidades. Isso é glorioso e glorifica a Deus!

#### **Tomar cuidado com o que multiplicamos**

Ao sair para uma missão empresarial, como atividade empresarial de cunho específico, temos de tomar cuidado com o que estamos dando a entender. Se enfatizarmos apenas que a empresa é um meio para determinado fim, e não algo para ser celebrado por seus próprios méritos, então é isso que vamos modelar para ser copiado. Perpetuaremos o conceito de divisão entre o que é sagrado e valioso e o que não é, na mente dos empresários cristãos que iremos discipular.

Se quisermos ver a multiplicação de empresários que trazem a transformação do reino de Deus, temos de afirmar o papel da atividade empresarial em si mesma. Steve Saint, empreendedor, inventor e filho do famoso missionário mártir Nate Saint, recentemente foi ouvido dizendo o seguinte:

“Em nossa sociedade, nos tornamos o que celebramos. Para liberar empresários para se envolverem, temos de celebrar seu papel no reino de Deus. Temos de parar de celebrar certo chamado e certo papel em detrimento de outros chamados e papéis. A atividade empresarial é um chamado de elevado valor, e temos de celebrá-lo para que nossos filhos e os filhos deles saibam que, se forem chamados para a atividade empresarial, então é isso que devem fazer para a glória de Deus.”

Ao nos decidirmos pela missão empresarial, na verdade estamos alavancando o poder empresarial para um propósito em particular. Esse poder é o potencial, inato ao mundo dos negócios e dado por Deus, de beneficiar a sociedade e de dar glória a ele.

#### **Expandir os horizontes**

Todos nós abraçamos a ideia e prática da missão empresarial a partir de determinada motivação ou ponto de partida. Talvez tenhamos sido confrontados pelas necessidades dos pobres, como a da mulher resgatada do tráfico humano, de ter um emprego. Talvez estejamos sendo testemunhas do evangelho em nossa vida empresarial diária em uma comunidade que nunca antes ouviu as boas notícias sobre Jesus. Talvez sejamos empresários que sentem que

Deus os está incentivando a usar sua habilidade e experiência para, de alguma forma, promover a expansão estratégica do reino de Deus.

Obviamente não é errado aproximar-se da missão empresarial com certas motivações e objetivos. Contudo, não devemos olhar a atividade empresarial através de um binóculo, deixando de ver tudo o mais que Deus tinha em mente com ela. Estou convicta de que, se agirmos assim, as estratégias da nossa missão empresarial serão menos eficientes. Por quê? Se não estamos pensando em todas as maneiras em que a atividade empresarial, por si só, como instituição divina, pode influenciar positivamente uma comunidade, então não estaremos trabalhando objetivamente para fazer diferença.

Evidentemente Deus pode expandir nosso horizonte no processo. Há muitos empresários missionários lá fora que começaram com determinados objetivos e ficaram surpresos com como têm sido usados por Deus fora do seu quadrado inicial! Podem ter começado criando empregos e acabado plantando uma igreja; podem ter resgatado mulheres em situação vulnerável e acabado por ajudar a escrever um novo código de leis para o país!

### **Bom para os negócios**

Pensar de modo abrangente sobre o poder de transformação da atividade empresarial também é bom para os negócios. Isso é algo para o que o mundo em geral está despertando. Michael Porter, da Harvard Business School, chama isso de “valor compartilhado”. Ele argumenta que não podemos mais considerar os benefícios que nossa empresa traz para a sociedade como uma etiqueta autocolante, talvez um programa de responsabilidade social que nos faz parecer bonzinhos. Em vez disso, ele diz que, ao integrarmos a criação de benefícios sociais no cerne do nosso modelo empresarial, quando criamos produtos que são bons para a sociedade e atendem às necessidades humanas, isso também será bom para os negócios em sentido puramente econômico. Talvez esse raciocínio desafiador esteja nada mais que redescobrimo o plano original de Deus para a atividade empresarial!

Vivemos tempos emocionantes. Ao mesmo tempo em que “Ocupe Wall Street” estava fazendo as manchetes no fim do ano passado, alguns estados americanos estavam criando empresas beneficentes, uma nova estrutura legal para que empresas possam objetivamente causar impacto positivo na sociedade. Parece que há um movimento no mundo todo no sentido de redefinir o propósito das empresas e do empreendedorismo na sociedade. Como cristãos, temos de ter uma noção clara do que Deus diz sobre empresa e empreendedorismo na sociedade, para que possamos falar com ousadia dentro desse movimento crescente. No movimento de missão empresarial, temos de formular o que nos distingue, ao buscarmos tratar de pobreza e servidão espiritual, enquanto nos esforçamos para erradicar outras formas de pobreza e servidão por meio da atividade empresarial.

*Jo Plummer atuou como facilitadora do Grupo de Interesse sobre Missão Empresarial no Fórum de Lausanne em 2004, integrando a comissão organizadora, e coeditou o Documento Avulso de Lausanne sobre Missão Empresarial. Atualmente ela cuida da página Business as Mission na internet e edita o boletim eletrônico homônimo.*

### **Um executivo responde**

Joseph Vijayam

<http://conversation.lausanne.org/en/resources/detail/12307>

Jo Plummer acertou na mosca quando disse que precisamos pensar maior sobre a atividade empresarial. Poucos irão discordar do fato de que a atividade empresarial, em e por si mesma, agrega valor ao mundo, à igreja, à comunidade local e a cada acionista. Mas eu também creio que precisamos identificar as diferenças que há entre “tocar um negócio” e “missão empresarial”. Missão empresarial não é tocar um negócio bem sucedido; estou percebendo a

tendência em observadores e pensadores de diluir as diferenças da missão empresarial sempre que se ressalta o valor intrínseco da atividade empresarial como uma virtude em si e por si mesma.

Como um entre muitos que defendem ou praticam a missão empresarial, vejo meu papel como agir em resposta ao chamado de Deus de evidenciar seu reino em toda sua plenitude. Uma empresa em missão é um empreendimento comercial cujo objetivo explícito e razão de ser é servir aos interesses do reino que, em essência, consistem em desenvolver pessoas e glorificar a Deus. Isso é muito diferente do propósito pelo qual o resto do mundo se dedica à atividade empresarial. Há pelo menos três maneiras em que uma empresa em missão difere de outras empresas. Creio que cada uma delas nos fará “pensar maior da atividade empresarial”, ao considerarmos o papel da missão empresarial.

Em primeiro lugar, uma empresa em missão tem outro ponto de partida, que é de explicitar o reino de Deus. O corpo de Cristo faz muitas coisas para atingir esse objetivo. Uma delas é criar riquezas de modo que: a) mais podem ser enviados (“Como pregarão, se não forem enviados?”, Rm 10.15), e b) mais podem ser alimentados, vestidos etc. (“O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram”, Mt 25.40, NVI).

Em segundo lugar, as escolhas diárias feitas por um empreendedor em missão ao dirigir sua empresa são influenciados pelo desejo de usar a empresa como meio de estender o reino de Deus. Por exemplo, ele tem um compromisso com o desenvolvimento dos seus empregados, sócios, fornecedores e clientes, às vezes maior do que a busca do lucro. Para um não crente, o alvo pode ser construir seu reino com a responsabilidade social como subproduto ou mesmo um valor da empresa, mas não maior que outros alvos principais, como o lucro.

Em terceiro lugar, uma empresa em missão lida diferente com os lucros. O resultado final de qualquer empresa é incrementar a riqueza do sócio. Numa empresa em missão, o acionista, no fim das contas, é Deus. A riqueza criada deve ser uma maneira que agrade o mais possível a Deus. A Grande Comissão é um mandato para todo crente, seja empreendedor em missão ou missionário médico. O evangelho que compartilhamos tem o objetivo de trazer alívio para os pobres (Is 61.1-4), o que inclui os pobres em termos econômicos – em falta de comida, bebida, roupas e um teto sobre a cabeça – assim como os de coração partido e em prisão (Mt 25.35-36).

Espera-se de todos nós que preguemos o evangelho, mas alguns são chamados para papéis específicos e “especializados”. O mais reconhecido é o de evangelista. Seu papel é entendido e honrado porque são vistos como provisão de Deus para a igreja, para trazer o reino. Da mesma maneira, os empresários são chamados para cumprir a Grande Comissão pela criação de riqueza para propósitos do reino. É importante que seu papel seja entendido e honrado também. Eles são outra parte do trabalho de Deus no reino, e devemos entender que seu chamado também é de Deus. Eles são parte da provisão de Deus para a igreja para trazer o reino, de modo a apressar a vinda do dia do casamento do Cordeiro.

Ao pintarmos o quadro do papel da atividade empresarial na igreja, sejamos específicos em nossas definições do que é e não é missão empresarial. Prestaremos ao reino e a cada empresário um grande serviço se criarmos definições claras que ajudam empresários a compreender com clareza o papel que estão desempenhando em trazer o reino. Minha oração é que essa clareza que estou defendendo nos ajude a “pensar maior da atividade empresarial”, ao gerarmos recursos para os propósitos do reino.

*Joseph Vijayam é diretor executivo de Olive Technology Ltd., com sede nos EUA e na Índia. Ele tem um blog em [ministryplatforms.com](http://ministryplatforms.com)*

## **A primazia do evangelho**

André Mann

<http://conversation.lausanne.org/en/resources/detail/12308>

Jo Plummer, em seu artigo, nos insta a definir o que distingue o movimento de Missão Empresarial das outras iniciativas que combinam lucro com missão. Duas características devem marcar o movimento: excelência no negócio, e a primazia do evangelho sobre qualquer outra coisa. Infelizmente, o movimento de Missão Empresarial corre o risco de perder sua relevância, por dois motivos:

Muitas empresas que dizem fazer parte do movimento não passam de plataformas falsas comandadas por missionários com pouca ou nenhuma experiência empresarial, que não enganam nem governos nem clientes nos países de acesso restrito em que operam. Não têm excelência para apresentar.

Mais recentemente, alguns empresários em missão se apaixonaram pelo modelo de empreendedorismo social, e entendem que o papel do empresário cristão neste mundo é aliviar, por meio da atividade empresarial, o sofrimento humano e as injustiças sofridas, deixando de falar, conscientemente ou não, do evangelho. Essas empresas não têm o evangelho como prioridade.

Ao mesmo tempo, um grupo de homens e mulheres de Deus muito bem sucedidos construíram empresas enormes, que integraram um profundo impacto pelo reino com a geração de riquezas imensas. Esses empreendedores não necessariamente participam de conferências sobre missão empresarial ou de seminários sobre empreendedorismo social. Antes, labutam no mercado, entendendo seu trabalho como adoração, incluindo o sucesso em montar empresas lucrativas. São generosos com seu tempo e dinheiro, sabem impactar vidas com o evangelho, e sabem como fazer crescer empresas excelentes. Estão fora do radar da maioria dos pensadores sobre missões porque, na maior parte, construíram suas empresas dentro dos seus próprios países. A nós cabe ir até esses empreendedores e lhes dar a visão do impacto que podem causar fora do seu país, nas partes menos alcançadas do mundo.

O evangelho – as boas notícias de que Jesus morreu em nosso lugar, e que apenas aqueles que o aceitam como senhor são salvos da punição eterna – é prioritário. Se, por meio de empresas excelentes com consciência social, fizermos com que todos os pobres do mundo sejam um pouco (ou muito) menos pobres, ou solucionarmos todos os problemas com a água na Ásia e na África, ou se resgatarmos um milhão de mulheres do tráfico humano, mas não compartilharmos a mensagem do evangelho, então não compreendemos o evangelho – que somente os que creem em Jesus serão salvos.

Já é difícil construir uma empresa lucrativa. Mais difícil ainda é criar uma empresa que, de forma integrada, causa impacto em uma segunda frente, seja qual for: social, ambiental ou espiritual. É virtualmente impossível adicionar uma terceira ou quarta frente, e só poucos empresários de destaque o conseguiram sem perder sua família. Por isso, ao integrarmos em nosso projeto empresarial a intenção de causar impacto no mundo, temos de incluir o alvo espiritual, o evangelho, primeiro. O evangelho é prioritário. Só então, depois de termos uma excelente empresa em missão, lucrativa e que promove o evangelho, é que podemos pensar maior sobre a atividade empresarial.

**André Mann** é diretor executivo do *Sovereign's Wealth Fund*, um fundo de investimentos privados que investe em empresas que promovem o evangelho na África e na Ásia. Ele fala várias línguas e é um empreendedor e executivo internacional experiente, com 18 anos de experiência empresarial na América Latina e no mundo muçulmano, tendo trabalhado na *Procter & Gamble* e no *Citibank* e começado várias empresas do reino na Ásia Central, onde morou por oito anos. Formou-se em Economia Internacional na Universidade *Georgetown* e tem um Mestrado em Divindade no *Southeastern Baptist Theological Seminary*. É membro da igreja *Summit* e mora em *Raleigh*, na Carolina do Norte, com sua esposa *Laura* e dois filhos.

Tradução: Hans Udo Fuchs